



ÁREA TEMÁTICA: Arte, cultura e comunicação.

O papel do ManguéBit na música contemporânea brasileira.

NASCIMENTO, Francisco Gerardo Cavalcante do

Mestrando em História

Universidade Estadual do Ceará

f26gerardo@ig.com.br

Resumo

Forjado nas usinas culturais das periferias brasileiras, o ManguéBit multicultural por excelência, delineou os novos rumos da música contemporânea do Brasil, tendo em sua alma o conceito de diversidade de culturas, instituiu novas modalidades de cultura, repensadas em um contexto global, porém com os pés fincados em suas raízes, denotando assim a idéia principal do movimento ManguéBit “Uma parábola enfiada na lama”. Idéia que representa todo um contexto de negociações culturais em diversos aspectos, ou seja, unir o secular representado pelos Maracatus, cirandas, emboladas, afoxés, com o elemento estrangeiro representado pelo Hip Hop, Soul, Funk, Rock, entre outros estilos.

Desta forma acreditamos que o ManguéBit foi singularmente heterogêneo comparando-o com outras manifestações culturais do Brasil contemporâneo, utilizando para isto toda a conjuntura sócio-cultural da cidade de Recife, representada em verso e prosa pelos seus poetas urbanos.

Nesta seara de configurações o ManguéBit construiu suas composições a partir dos problemas inerentes à cidade de Recife, de uma forma em que a mesma pareça um lugar imaginário, em que seus habitantes assumam características antropozoomórficas, e que os heróis do povo sejam justamente os antiheróis do imaginário popular.

A denominação do ManguéBit ultrapassa as fronteiras de um gênero musical, tornado-o uma extensão da forma de pensar um habitat cultural, em que a ruptura estética é uma necessidade para a auto-afirmação enquanto seres produtores e consumidores de cultura, em suma uma grande teia cultural tecida por jovens insatisfeitos com a cultura transmitida em sua cidade e que através de um cooperativismo cultural, fomentaram um ser híbrido da música contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Maracatu, Música, Multiculturalismo, Hibridismos, ManguéBit.





O PAPEL DO MANGUEBIT NA MÚSICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

1 - A GÊNESE MANGUEBIT

Modernizar o passado/ é uma evolução musical/ é que as notas que estavam aqui/ não preciso delas/ basta deixar tudo soando bem aos ouvidos/ o medo dá origem ao mal/ o homem coletivo sente a necessidade de lutar/ o orgulho/ a arrogância/ a glória/ enchem a imaginação de domínio/ são demônios os que destróem o poder bravio da humanidade/ viva Zapata/ viva Sandino/Viva Zumbi/ Antônio Conselheiro/ Todos os panteras negras/ Lampião sua imagem e semelhança/ eu tenho certeza/ eles também cantaram um dia.¹

As notas musicais ressoaram pela cidade estuário, a evolução sonora proposta, foi deflagrada, através de uma juventude instigada e desta forma a música contemporânea brasileira das duas últimas décadas foi sacudida, tendo como ponto de partida a cidade de Recife no Nordeste brasileiro.

A Gênese do ManguéBitⁱⁱ está datada por volta de 1991, quando alguns jovens insatisfeitos com a realidade cultural de sua cidade, organizaram uma movimentação cultural, em que Recife servisse de inspiração para seus versos repletos de caos, amores reais, antiheróis da história recente de Pernambuco, entre outros temas.

A representação da cidade de Recife como um grande palco para a poesia e a música, foi um dos primeiros passos dados por esta juventude inquieta, para a desconstrução de estigmas culturais e a organização de um levante artístico, baseado na diversidade de estilos que uma metrópole brasileira oferece a seus habitantes, principalmente Recife, com sua história marcada pela colonização portuguesa e o cultivo da cana-de-açúcar.

O imaginário popular dos pernambucanos está repleto de influências indígenas, européias, e principalmente africana, ou seja, verificamos uma forte tradição de manifestações da cultura afro na cidade de Recife, como os Maracatus, Afoxés, Candomblés, entre outras.

As influências musicais, nas quais os artífices do ManguéBit se inspiraram, foram muito além da cultura popular pernambucana, estenderam-se além mar, ou seja, os ritmos estrangeiros como o Funk, Soul, Hip Hop, Rock, a música eletrônica e a técnica de Samplerⁱⁱⁱ foram utilizados como ingredientes sonoros na alquimia de sons que os Manguéboys¹ proporam ao público.

Certamente, o termo fusão seria simplório para denominar toda esta negociação cultural, delineada pelo ManguéBit, ou seja, propomos uma resignificação de símbolos, ou:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismos ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica(Bhabha, 2005: 20-21)

1



Desta forma o ManguéBit entrou na música contemporânea brasileira como um ser híbrido, cambiante, que soube traduzir o próprio momento histórico que o Brasil atravessava, ou seja, o início do ManguéBit está diretamente ligado a um período de transição da política brasileira recém saída de uma ditadura militar, além do fim da União Soviética, eleições diretas para a presidência da república, uma maior divulgação da Internet, Mcdonald's, MTV, e principalmente a própria realidade sócio-cultural de Recife, classificada como a quarta pior cidade do mundo para se habitar^{iv}.

Devemos ressaltar que o ManguéBit não é um gênero musical, mas um estilo de pensar seu habitat cultural, reler suas tradições na busca da ruptura estética, onde a fantasia de uma cidade imaginária como a Manguetown se faz necessária:

Estou enfiado na lama / É um bairro sujo / Onde os urubus tem casas / E eu não tenho asas / Mas estou aqui em minha casa / Onde os urubus tem asas / Vou pintando segurando as paredes do mangue do meu quintal / Manguetown / Andando por entre becos / Andando em coletivos / Ninguém foge ao cheiro sujo / Da lama da Manguetown / Andando por entre becos / Andando em coletivos / Ninguém foge à vida suja dos dias de Manguetown / Esta noite sairei / Vou beber com os meus amigos / E com as asas que os urubus me deram ao dia / Eu voarei por toda periferia / Vou sonhando com a mulher / Que talvez eu possa encontrar / Ela também vai andar / Na lama do meu quintal / Manguetown^v

A cidade imaginária que o ManguéBit propõe se personifica, em um local onde o sujeito surreal, sai com os amigos, anda de coletivo, é refém da poluição instalada na cidade, bebe com as poucas asas que foram ganhas durante o dia em algum subemprego dirigido aos seres classificados como periféricos pelas elites, porém ao mesmo tempo percorre toda esta periferia como um super-herói e usa o verbo voar no futuro do presente, para reafirmar seu mundo de felicidade, sua diversão, reside na periferia, pois lá estão seus companheiros, sua musa inspiradora que também anda sobre a lama; protagonistas do Brasil real que se reinventa a cada dia, reinventa a própria realidade na busca de soluções para seus males, é assim uma:

Produção cultural urbana, agressiva, experimental, crítica, avessa aos encantos da "indústria cultural", produzida por grupos periféricos e marginais, cheias de sonhos e imagens do desejo, mas profundamente refratária às formas de sociabilidade do Brasil institucional. Formas culturais heterogêneas, disformes, caóticas, mas representativas do processo de exclusão social existente no país (Zaidan, 2000: 24)

É o ManguéBit, essencialmente urbano, forjado nas usinas culturais periféricas da cidade de Recife, descrente do Brasil oficial, híbrido, agressivo, e experimentalista por excelência, que sempre buscou "novas modalidades de organização da cultura" (Canclini, 2000: 283), ou seja, legítimos representantes do Brasil real.

Em épocas Armoriais^{vi}, esta miscelânea de ritmos seria pouco festejada, ou seja, em um primeiro instante como poderíamos vislumbrar um movimento musical que utilizou elementos seculares e contemporâneos, ao mesmo tempo em que os valorizou e os retirou do esquecimento?

O monumento musical erguido pelos Manguéboys^{vii}, foi construído por inúmeros mosaicos culturais presentes em seu habitat, considerando estas influências musicais principalmente as populares como



ferramentas que serviram para tecer esta teia multicultural em questão, diferentemente de uma visão conservadora que considera esta cultura popular como algo intocável e imaculado.

Indubitavelmente, o MangueBit criou em Recife toda uma cadeia cultural produtiva, que se iniciava com as principais bandas do movimento que eram Chico Science e Nação Zumbi, e Mundo Livre S.A, continuando pelos produtores culturais, empresários e terminando nos roadies^{viii} e músicos das periferias que ganharam oportunidades de trabalho devido ao MangueBit.

Maternidade / diversidade / Salinidade / Fertilidade / Produtividade / Recife cidade estuário / Recife cidade és tu / Água salobra, desova e criação / Matéria orgânica, troca e produção / Recife cidade estuário / És tu .../ (mangue injeta, abastece, alimenta, recarrega as baterias da Veneza esclerosada, destituída, depauperada, embrutecida ...) / Mangue Manguetown / cidade complexo / Caos portuário / Berçário / Caos / Cidade estuário.^{ix}

Em suma esta composição reflete Recife e o mangue como um só corpo e expressão, confundindo-as propositalmente para delinear o que realmente é o MangueBit, ou seja, produção artística que desova e cria seres híbridos capazes de sobreviver na Manguetown depauperada pela poluição,este mesmo mangue que é agredido, mas que ao mesmo tempo injeta cultura, abastece e sacia a fome de cultura e alimento, e mesmo no caos o mangue aparece como um “Eldorado”, único reduto capaz de salvar a cidade estuário esclerosada e embrutecida.

2 - SOUL, SOUL, SOUL, MANGUEBOY.

Alma e conceito, reconhecimento e ressurreição, destarte o Mangueboy se reconheceu como parte integrante de toda uma cadeia sócio-cultural presente na cidade de Recife, produto legítimo das disjunções inerentes a uma metrópole, ou: “estas disjunções se tornaram fundamentais para a política da cultura global” (Appadurai1999: 312-313); como tais são presupostos de problemáticas amplas, vicissitudes de um enredo complexo, em que o diálogo deve ser uma constante, pois” em qualquer hipótese, a construção cultural deve ser tratada como um problema, e não como premissa, e um problema merecedor de análise mais detalhada “(Burke, 2000: 171).

Dentro desta premissa suscitada por Burke, acreditamos que a identidade de um ser humano que se reconhece como agente cultural está conectado diretamente com o imaginário coletivo que o seu habitat, ou melhor ainda seu ambiente de produção e consumo cultural lhes oferecem, certamente, não estamos falando em passividade do sujeito diante as ofertas de signos que suas experiências recebem e deslocam, mas uma participação ativa destes cidadãos, entranhados pelo passado secular, e a convivência contemporânea.

A tradução do MangueBit através da sua metrópole brasileira, afogada em um caos urbano, não foi apenas social e econômico, mas cultural, todavia é necessário apontarmos quase sempre para o bojo cultural que o Estado de Pernambuco proporciona aos seus patrícios, ou seja, a Grande Recife^x e adjacências foram o mote para os poetas do mangue, a articulação do local com o global, sem privilégios, ou:



O essencial é que a ideologia cultural em questão articula o mundo segundo o modo mais funcionalmente útil, ou ainda, segundo modos que possam ser funcionalmente reapropriados. A razão porque certa fração de classe proporcionaria essas articulações ideológicas é uma questão histórica. (Jameson, 2006: 83).

Jameson define de forma apropriada a mentalidade dos artifices do ManguêBit como o próprio Chico Science afirmou: “não conseguimos acompanhar o motor da história, mas somos batizados pelo batuque e apreciamos a agricultura celeste^{xii}”, ou seja, coaduna com a união de fragmentos proposta pelo ManguêBit de uma sociedade caótica e a construção de sua própria identidade, porém esta identidade não pode ser definida como um novo gênero musical, mas como uma criação de uma cena musical que oxigenou culturalmente a cidade de Recife, com bandas, bares, espaços culturais, oportunidades para os músicos, e assistentes de palco e etc; ou seja, criou toda uma cadeia cultural que começava nos idealizadores do movimento como Fred 04, Chico Science e Renato L e se estendia até os roadies.

Outro ponto que deve ser discutido é justamente a legitimidade da imposição, pois é sabido que os discursos dominantes estão embasados justamente na verdade silente das classes menos favorecidas, ou seja, a legitimação da barbárie cultural é tão intensa que uma crítica ao discurso hegemônico seria no mínimo inaudível, intimado pelo historicismo arraigado no domínio datado desde as épocas ultramarinas porém este questionamento nos remete diretamente às mentiras salientes do pós-colonialismo, ou: “É a perversidade radical, e não a sensata sabedoria política, que impulsiona a intrigante vontade de saber do discurso pós-colonial ”(Bhabha, 2005:292); resta para aqueles que são citados pelas elites pós-coloniais como objetos de caridade, paternalismo, ou até mesmo vencidos; restando como única saída, uma intervenção negociada e consciente, para conseqüentemente alcançarem uma inserção, dentro desta disputa em que o primeiro golpe é desferido sempre na cultura e muitas vezes é letal.

Contudo a entrada da grande massa humana contemporânea na produção e consumo de bens culturais, requer antes de tudo uma tomada de consciência, ou seja, o exercício da produção de ações culturais deve ser uma constante nos agentes culturais da contemporaneidade especificamente, ou: “O agente cultural é, aqui um animador é dele que parte a ação nessa terminologia teológica, é ele o criador”(Coelho, 2002:16), contudo devemos fazer algumas ressalvas com relação ao agente cultural citado anteriormente, ou seja, devemos defini-lo não apenas como um manipulador de massas, especialmente as urbanas, mas colocá-lo de uma forma ampla como qualquer indivíduo que promova a cultura, seja ele músico, ator, pintor, escultor, dramaturgo, produtor cultural, ou até mesmo o empresário que de alguma forma prática o mecenato, embora seja uma denominação ampla para o termo “agente cultural”, nossa intenção é desconstruir o mito da arte em si, ou seja, não apresentá-la como um *fetichê*, algo inalcançável, mas como uma produção e reprodução dos bens simbólicos acessíveis ao grande público, pois é nesta democratização do fazer arte que reside o alicerce da construção das identidades culturais, ou seja, a partir do momento em que o sujeito histórico se reconhece não apenas como um espectador, mas como parte integrante da arquitetura cultural de uma forma direta, as identidades tornam-se legítimas representantes da constituição e significação cultural.

A identidade quando assume novos propósitos, adquire uma estética própria em que assumir-se como vanguarda estética, nos remete a uma posição superior do ManguêBit em relação às outras manifestações culturais, resumindo-as às trevas artísticas; o que consideramos como uma inverdade, é por isso que o ManguêBit não desconsiderou qualquer expressão artística que primasse pela autenticidade e criatividade, seja ela o Maracatu, o Rock, a embolada, o Soul, ou qualquer outro estilo.

O local e o global, a tradição e a modernidade presentes no ManguêBit, criaram sim uma rede identitária de símbolos e indivíduos, ou seja, a criação não foi apenas de Chico Science, Fred 04, Renato L, ou qualquer outro artista, mas uma construção coletiva de cultura e identidade, em que jornalistas de classe média, músicos, artistas, entre outros, enxergassem uma gama variada de possibilidades, que iam desde as



composições , até a indumentária usada pelos Mangueboys como forma de reafirmação da cultura pernambucana.

Verificamos no decorrer do nosso texto, a resignificação cultural que a música brasileira contemporânea adquiriu nesta duas últimas décadas, especificamente o MangueBit, ou seja, a própria construção de uma identidade própria foi a saída encontrada pelos jovens artistas para a autopromoção, e para sua própria existência enquanto seres dotados da arte, não obstante a própria condição da cidade de Recife e o Estado de Pernambuco, imprimia aos jovens recifenses, uma necessidade quase que latente de mudança cultural, dentre outros fatores também o próprio esquecimento da cultura popular pelos jovens de Recife, causando uma morte lenta, gradativa e quase irreversível das tradições.

Podemos tentar definir o MangueBit como ser híbrido da moderna música brasileira, que desde a época da Bossa Nova virou símbolo de qualidade e criatividade, possuidor de um contexto internacional de cultura contemporânea, não linear aos propósitos nebulosos da indústria cultural, avesso aos modismos; e seguramente não circunstancial, porém mutante da moderna cultura brasileira, que carregam em si boa parte da moderna tradição brasileira.

3 - A JUVENTUDE PEDE PASSAGEM.

A construção de uma nova identidade proposta pelo MangueBit, está imbuída de globalismos, histórias individuais e coletivas dos próprios sujeitos históricos que contribuíram de qualquer forma para a fomentação e consolidação da cena cultural do MangueBit, e principalmente pela participação de vários segmentos da sociedade, ou seja, artistas, empresários, mídia e principalmente a juventude que formou público para as apresentações e poesia para as composições.

Nesta seara representada pela juventude, verificamos basicamente três segmentos, ou vertentes destes jovens recifenses, ou seja, os artifices do movimento, que fomentaram toda a cena cultural, entre eles Chico Science, Fred 04, Renato L, além dos músicos das bandas e produtores culturais.

As experiências musicais delinearão novos horizontes para a música contemporânea brasileira, visto que estes músicos possuíam uma variedade enorme de influências sonoras, que colocaram em prática nas composições das bandas e na própria ideologia do movimento MangueBit.

Outro segmento que deve ser destacado em nosso texto é a juventude da classe média de Recife que através da compra de Cd's, ingressos para os Shows, impulsionaram a carreira das bandas em questão, desta forma ofereceram um certo suporte financeiro para estas bandas que estavam começando a debutar no cenário musical da cidade e precisavam de incentivos.

Porém os jovens que realmente ganharam oportunidades, espaços e reconhecimento por boa parte da população pernambucana, foram os jovens da periferia, que se tornaram músicos, roadies, produtores, professores de música, comerciantes, entre outras profissões, graças ao fomento e advento do MangueBit, que possuía entre seus artifices, vários jovens oriundos da periferias de Recife, entre eles o próprio Chico Science e Jorge do Peixe^{xii} vindos do Bairro de Rio Doce periferia de Olinda, além de Toca Ogan, Gilmar Bola Oito percussionistas da Nação Zumbi, saídos das periferias de Peixinhos e Chão de Estrelas respectivamente



4 - O MANGUEBIT NA SEARA CULTURAL BRASILEIRA.

Sou eu um transistor?/ Recife é um circuito?/ O país é um chip?/ Se a terra é um rádio, qual é a música?/ MagueBit – MagueBit/ O vírus contamina/ Pelos olhos – ouvidos, línguas, narizes – fios (elétricos)/ ondas sonoras, vírus conduzidos a cabo/ UHF/ Antenas agulhas/ Eletricidade alimenta/ tanto quanto oxigênio/ (Meus pulmões ligados)/ Informações entram pelas narinas/ E da cultura sai mau hálito (ideologia)/ Sou eu um transistor?/ Se a terra é um rádio/ Qual é a música^{xiii}?

Os sons tupiniquins não seriam mais os mesmos, o homem, a cidade, o país e o planeta em um só organismo movido à vibrações sonoras, em que respirar oxigênio é secundário, e a cultura impregna como o mau hálito, que na verdade é ideologia que exala do corpo, a tecnologia torna-se comestível e começa a fazer parte do próprio homem, pois nas sociedades pós-modernas a previsibilidade e a linearidade da escrita não é mais suficiente para a digestão das informações que chegam à grande massa de maneira intensa, veloz, e constante; assim o mundo tornou-se também audiovisual, os sentidos se complementam para que a avalanche informativa seja consumida e digerida em tempo hábil.

Sendo assim a melhor forma de caracterizar a cultura brasileira contemporânea, em especial a música e o movimento MagueBit seria colocá-los como tradutores multifacetados de um grande organismo vivo composto por pessoas, experiências, desigualdades, riqueza de símbolos e ressignificações, chamado de Brasil.

Traduzir o país em música, assim acreditamos que o MagueBit agiu dentro de sua trilha ideológica estritamente não linear, pois “ o leito não linear, segue para dentro do universo” (CSNZ, 1994), aquilo que não está pré-estabelecido em um primeiro contato pode parecer sem nexos, ou até mesmo sem sentido, porém é neste contexto disforme e deveras consciente que o MagueBit se faz amplo dentro da moderna cultura brasileira, avesso à arte efêmera, singularmente pluralizado e democraticamente eclético.

As comparações realizadas por um pesquisador com relação à épocas diferentes, deve ser realizada com muito critério e atenção para as particularidades de cada época, evitando assim anacronismos sucessivos nestas analogias.

Analisando os três principais movimentos musicais da cultura contemporânea brasileira, verificamos algumas particularidades inerentes ao MagueBit, ou seja, enquanto que a Bossa Nova foi fomentada e realizada por jovens cariocas universitários de classe média como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, entre outros, e que possuíam como principal característica as composições bem executadas e permeadas pelo Jazz e o Samba. Com relação à Tropicália verificamos uma aproximação sutil com as idéias sonoras do MagueBit, ou seja, a antropofagia musical já se fazia presente em um Brasil marcado pela Ditadura militar dos anos 60, entretanto devemos ressaltar que seus participantes também eram oriundas em sua maioria de famílias de classe média, universitários.

Em ambos os casos citados anteriormente, algumas semelhanças devem ser ressaltadas como a qualidade musical, a origem social de seus fomentadores já citada, e o local de concepção e consolidação destes movimentos: o Sudeste brasileiro.

Desta maneira verificamos que mesmo em épocas distintas, ou seja, um Brasil em busca de sua auto-afirmação nos anos 50, um país mergulhando em um período ditatorial violento, e uma nação prestes a entrar no novo milênio, porém com problemas relacionados a um profundo atraso socioeconômico. O MagueBit dentre os outros movimentos já relacionados, conjugou uma mistura de indivíduos de várias classes sociais em sua construção, e deslocou os olhos da mídia brasileira que sempre foram voltados pra a região Sudeste do Brasil, ou seja, para algum artista do Nordeste brasileiro alcançar algum sucesso, é necessário que o mesmo fixe residência próximo aos locais onde a grande mídia instalou suas sedes.



5 - A CIDADE É NOSSO PALCO DE ILUSÕES.

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas/ Que cresceram com a força de pedreiros suicidas/ Cavaleiros circulam vigiando as pessoas/ Não importa se são ruins/ Nem importa se são boas/ E a cidade se apresenta centro das ambições/ Para mendigos ou ricos e outras armações/ Coletivos, automóveis, motos e metrôs/ Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs/ A cidade não pára, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o debaixo desce/ A cidade se encontra prostituída/ Por aqueles que a usaram em busca de saída/ Ilusora de pessoas e outros lugares/ A cidade e sua fama vai além dos mares/ No meio da esperteza internacional/ A cidade até que não está tão mal/ E a situação sempre mais ou menos/ Sempre uns com mais e outros com menos/ A cidade não pára, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o debaixo desce/ Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu/ Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu/ Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus. (haha)/ Num dia de Sol, Recife acordou/ Com a mesma fedentina anterior^{xiv}.

A cidade pulsa, vibra corrompe, constitui vida e concreto, ambição e caos; doce ilusão amarga para a grande maioria das pessoas que não participam da grande festa do consumo capitalista e esta desigualdade é ainda bastante acentuada quando estamos nos referindo ao Nordeste brasileiro, pois em períodos de seca no sertão nordestino, o êxodo rural é bastante significativo, transferindo do interior para as capitais uma leva de imigrantes famintos, sem instrução e perspectivas de melhorias em suas vidas.

No caso de Recife estes retirantes amontoam-se em casebres à beira dos mangues em condições miseráveis para fixarem residência, por vários motivos, entre eles a falta de interesse comercial das imobiliárias nas regiões dos manguezais, as moradia construídas com restos de papelão, zinco, madeira e outros materiais descartados pela própria cidade, e principalmente pela necessidade alimentar, pois o mangue fornece alimento para estas pessoas, principalmente o caranguejo que muitas vezes é a única fonte alimentar disponível, fazendo com que estes seres humanos tornem-se parte integrante do mangue, ou:

Este corpo de lama que tu vê/ É apenas a imagem que sou/ Este corpo de lama que tu vê/ É apenas a imagem que sou/ Que o sol não segue os pensamentos, mas a chuva muda os sentimentos/ Se o asfalto é meu amigo eu caminho, como aquele grupo de caranguejos, ouvindo a música dos trovões/ Essa chuva de longe que tu vê, é apenas a imagem que sou/ Esse sol bem longe que tu vê, é apenas a imagem que é tu/ Fiquei apenas pensando, que seu rosto parece com minhas idéias/ Fiquei lembrando que há muitas garotas em ruas distantes/ Há muitos meninos correndo em mangues distantes/ Essa rua de longe que tu vê, é apenas a imagem que sou/ Esse mangues de longe que tu vê, é apenas a imagem que é tu/ Se o asfalto é meu amigo.../ (Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente, sem que sejam forjados para acontecer/ Deixar que os olhos vejam pequenos detalhes lentamente/ Deixar que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes, como móveis/ inofensivos, pra lhe servir quando for preciso, e nunca lhe causar danos morais, físicos ou psicológicos)^{xv}.



Deveras o habitante dos mangues em Recife transforma-se em um corpo de lama, o sujeito e o ambiente fundem-se em uma simbiose degradativa, socialmente para o homem e ambiental para o mangue.

Uma das poucas saídas para estes indivíduos são as estradas que cortam os manguezais, servindo como grandes mercados de caranguejos a céu aberto, tornando este asfalto amigo e fonte de renda digna para estes cidadãos.

A cidade é fugaz para aqueles habitantes dos mangues, que assistem o transitar dos automóveis velozes que passam sobre as pontes, restando para estes homens um sonho distante d belas garotas que vivem sob um céu de oportunidades, enquanto eles jazem sob as chuvas das incertezas cotidianas.

O poeta Chico Science demonstra que estas elites apressadas que singram a cidade com seus automóveis, também são parte integrante desta cidade estuário, palco de ilusões e desigualdades, em que o rico tem seu papel definido como explorador, e os pobres devem ser prestativos quando necessários e inofensivos para não causarem danos à sociedade ideal das elites.

6 - A INDÚSTRIA CULTURAL FONOGRÁFICA BRASILEIRA DA DÉCADA DE 1990.

Certamente, não poderíamos falar em mídia e centros consumidores de cultura, sem nos debruçarmos sobre as análises relacionadas com a indústria cultural fonográfica brasileira da década de 1990, suas singularidades, segregações geográficas, e principalmente suas imposições mercadológicas para os bens culturais.

As dificuldades na avaliação do que era autêntica e efetivamente independente parecem residir na confusão que se estabelecia entre, de um lado, o artista que tem uma atitude independente, procurando esse tipo de meio para veicular um produto de proposta estética, diferenciada e, muitas vezes, inovadora sem lugar nos planos da grande empresa e do grande mercado. (Dias, 2000: 134)

A referida década de 1990 configura-se no Brasil como uma época de transição sob vários aspectos, ou seja, ocorria não somente no Brasil, mas em boa parte do mundo Ocidental a substituição do vinil pelo Cd, e especificamente no Brasil uma reordenação das grandes gravadoras com relação aos seus produtores culturais, e seus presidentes.

Nesta conjuntura industrial da cultura, estas grandes gravadoras transnacionais como: PolyGram, EMI, BMG-Ariola, Sony Music, Warner Music, entre outras, dominavam o mercado nacional através sua rede de produção, distribuição e contatos com a mídia, certamente que estas características não são exclusividades do Brasil, porém devemos ressaltar que as pequenas e médias gravadoras conhecidas como *Indies*, funcionavam no mercado brasileiro como *Marketing* para os artistas em busca de uma oportunidades nestas *Majors*.

Esta duas formas de produção fonográfica eram as mais praticadas no mercado brasileiro e envolviam diretamente interesses comerciais sobre os bens culturais, entretanto acreditamos que o ManguêBit serviu como uma terceira via para esta comercialização da arte, ou seja, o movimento conseguiu deslocar os holofotes da mídia para o Nordeste, visto que sempre estiveram voltados para o Sudeste brasileiro, forçando os artistas nordestinos a uma transferência de suas carreira, exemplos disto foram os músicos Luiz Gonzaga na década de 1950, Belchior na década de 1960, Alceu Valença na década de 1970, entre muitos outros.

Outras conquistas do ManguêBit que devemos salientar foi a concepção da capa do primeiro CD de Chico Science e Nação Zumbi, produzida pelos artistas pernambucanos Dolores, Morales, Helder, fato que até



então era restrito aos artistas do Sudeste brasileiro, além da assinatura de um contrato com o selo *CHAOS* de propriedade da Sony Music, pois os artistas que assinavam com as grandes gravadoras da época não possuíam uma preocupação com a qualidade de suas músicas, ou seja, eram legítimos produtos da massificação artística imposta pela indústria cultural fonográfica brasileira.

Estas conquistas foram possíveis somente graças a toda uma identidade construída a partir de estratégias pensadas pelos artífices do movimento ManguêBit, ou “a diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais em certos relatos antropológicos do início do estruturalismo” (Bhabha, 2005: 63), ou seja, movimentar-se culturalmente era a palavra de ordem dos artífices do ManguêBit, ter a consciência do simbolismo cultural pertencente a Recife, estruturar-se como ambiente de cultura, desenvolver toda uma cadeia produtiva cultural que começava nas montagens de palco, passava pelos locais de apresentações, o lançamento de Cd’s das bandas relacionadas com o movimento, e até mesmo criar uma indumentária inspirada nos camelôs de Recife com óculos escuros, cordões, anéis, e com o regionalismo através do chapéu de palha, em suma existir como ser cultural que interage e modifica sua realidade artística, ou como Bivar propõe:

Além da necessidade da movimentação, a busca da autopromoção, claro que esta promoção pessoal não representava uma entrega total aos meios de comunicação de massa, mas a criação de todo um universo simbólico em torno deles, com músicas característica da ideologia dos respectivos movimentos, ou seja, toda uma cadeia produtiva que vai desde a criação de uma indumentária que remetesse aos conceitos estabelecidos pelos participantes, promoção de simples festas, até o lançamento de Cd’s.(Bivar, 1988: 57)

O ManguêBit provou que esta indústria cultural que elege e condena, exalta e corrompe, pode ser sobrepajada através de criatividade e ads resignificações culturais, atitudes que demonstram que a quantidade perseguida pelas grandes gravadoras não sintetizam a qualidade musical, admitimos também que o ManguêBit não alcançou as cifras esperadas por sua gravadora, porém caracterizou sua essência como não efêmera, calcada no alicerce da boa música que não reconhece fronteiras sociais, culturais ou econômicas.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BIVAR, Antônio (1988), *O que é Punk*, São Paulo, Brasiliense, p.57.

BURKE, Peter (2000), *História e teoria social*, São Paulo, Editora UNESP, p.171.

BHABHA, Homi. (2005), *O local da cultura*, Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 20-21, 63, 292.

CANCLINI, Nestor Garcia (2000), *Culturas Híbridas*, São Paulo, Edusp, p. 283.

COELHO, Teixeira, (2002), *O que é ação cultural?*, São Paulo, Brasiliense, p.16.

FEATHERSTONE, Mike (orgs) (1999), *Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade*, Petrópolis, Editora Vozes, p.312-313.

JAMESON, Fredric, (2006), *A virada cultural: Reflexões sobre o pós-moderno*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 83.



DIAS, Márcia Tosta (2000), Os donos da voz. Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura, São Paulo, Boitempo editorial, p. 134.

Z Aidan, Michel.(2000), O Fim do Nordeste e Outros Mitos, São Paulo, Ed: Cortez, p.24.

- ⁱ Música “**Monólogo ao pé do ouvido**” do Cd Da lama ao caos de Chico Science e Nação Zumbi de 1994.
- ⁱⁱ A grafia “**MangueBit**” irá respeitar a grafia original do *Release Caranguejos com cérebro* escrito em 1991, e publicado no cd “Da lama ao caos” de Chico Science e Nação Zumbi de 1994.
- ⁱⁱⁱ O **Sampler** é uma técnica musical que consiste em sobreposição de músicas de ritmos diferentes ou semelhantes, uma das características fundamentais do MangueBit.
- ^{iv} Esta classificação foi feita por um Instituto de pesquisas sociais de Washington no início da década de 1990, classificando a cidade de Recife como a quarta pior cidade do mundo para se viver, devido aos seus altos índices de violência e as altas taxas de desemprego.
- ^v Música “**Manguetown**” do Cd Afrociberdelia de Chico Science e Nação Zumbi de 1996.
- ^{vi} Esta expressão faz alusão direta ao Movimento Armorial, liderado pelo escritor Ariano Suassuna, que teve como principal característica o resgate e a promoção de ritmos musicais essencialmente populares.
- ^{vii} **Mangueboys**: expressão inspirada nos B-Boys e B-Girls do movimento Hip Hop, que caracterizava os jovens apreciadores do movimento MangueBit.
- ^{viii} Expressão usada para denominar as pessoas que apóiam a logística das bandas, ou seja, montam os palcos, a iluminação, o som e etc.
- ^{ix} Música **Cidade Estuário** da banda Mundo Livre S.A, contida no cd “Samba Esquema Noise” de 1994 lançado pelo selo Banguela Records.
- ^x O **Grande Recife** é composto ainda por outros 13 municípios (Abreu Lima, Araçoiaba, Cabo, Camaragibe, Igarassu, Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, e São Lourenço da Mata).
- ^{xi} Trecho da canção **Sangue de Bairro** do Cd Afrociberdelia de Chico Science e Nação Zumbi de 1996.
- ^{xii} **Jorge Du Peixe** é o atual vocalista da Nação Zumbi, autor de músicas como Maracatu de tiro certo e está na banda desde sua formação original com Chico Science.
- ^{xiii} Música **MangueBit** da banda Mundo Livre s.a, contida no CD “Samba Esquema Noise” de 1994 lançado pelo selo Banguela Records.
- ^{xiv} Música “**A cidade**” do Cd Da lama ao caos de Chico Science e Nação Zumbi de 1994.
- ^{xv} Música “**Corpo de Lama**” do Cd Afrociberdelia de Chico Science e Nação Zumbi de 1996.